

## **JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI E A REVOLUÇÃO RUSSA**

Bernardo Soares Pereira  
*Mestre em História pela UFF*

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de analisar a relação existente entre uma das maiores figuras do marxismo latino-americano, o peruano José Carlos Mariátegui, e o processo político de maior impacto no século XX, a Revolução Russa. Para tal, atentará-se tanto às análises do autor sobre os acontecimentos na Rússia revolucionária, através de seus escritos produzidos ao longo dos anos e em distintos momentos da vida, abrangendo da juventude à maturidade, quanto aos reflexos que a construção do socialismo gerou em seu pensamento, expandindo os horizontes de suas formulações teóricas e proposições políticas.

**Palavras-chave:** José Carlos Mariátegui; Revolução Russa; América Latina.

## **JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI AND THE RUSSIAN REVOLUTION**

**Abstract:** This article aims to analyze the relationship between one of the greatest figures of Latin American Marxism, the Peruvian José Carlos Mariátegui, and the political process of greatest impact in the twentieth century, the Russian Revolution. To do so, one will look at both the author's analyzes of events in revolutionary Russia through his writings produced over the years and at different moments of his life, ranging from youth to maturity, as well as the reflexes that the construction of socialism generated in his thinking, expanding the horizons of his theoretical formulations and political propositions.

**Key words:** José Carlos Mariátegui; Russian Revolution; Latin America

## **Apresentação**

O pensamento de José Carlos Mariátegui tem sido, nos últimos anos, alvo de crescentes interesses por parte dos pesquisadores brasileiros. Ainda assim, elementar ressalvar, caso se deseje conhecer a fundo a obra do peruano, o investigador ainda encontrará considerável dificuldade de acesso e tradução de seus principais trabalhos, além das principais obras de referência acerca do tema. Muito particularmente, essa constatação não se aplica ao entendimento de Mariátegui sobre a Revolução Russa.

Desde 2012, como viabilidade de aprofundamento na temática, os curiosos sobre a contribuição do jornalista peruano podem consultar a coletânea com alguns de seus escritos sobre a revolução de outubro e seus desdobramentos, traduzida e organizada por Luiz Bernardo Pericás, quem também assina um ótimo prefácio, sob o título *Revolução Russa: histórica, política e literatura*. Por alguma razão, esse esforço inicial ainda não gerou pesquisas de maior fôlego sobre o tema, o que, espera-se, seja motivada na ocasião do centenário da tomada do poder pelos bolcheviques.

Nesse sentido, o presente texto buscar contribuir para o avanço do entendimento da vida e da obra de Mariátegui, assim como discutir, num aspecto mais amplo, os impactos da Revolução Russa na intelectualidade latino-americana através dos escritos de um de seus maiores expoentes. Para tanto, analisar-se-á a totalidade da produção do autor acerca da temática, abrangendo o período que se estende desde sua juventude, mais especificamente o início do ano de 1918, primeira vez em que o jovem jornalista de vinte e quatro incompletos anos transparece, de maneira indireta, seu conhecimento sobre os acontecimentos que ocorriam do outro lado do mundo, até 1930, quando denunciava as movimentações internacionais contra a União Soviética, já em suas últimas semanas de vida. Ademais, serão considerados como materiais de estudo não somente os textos produzidos pelo marxista peruano, mas também os publicados por outros autores na revista *Amauta*, por ele dirigida desde 1926 até sua morte, na qual se podem encontrar dezenas de análises que confluíam para a formação de seu pensamento e contribuía para seu trabalho de exposição da realidade russa para além das versões retratadas pela grande imprensa.

A exposição do artigo segue uma divisão tradicional já consagrada no que diz respeito às etapas evolutivas do desenvolvimento do pensamento de Mariátegui, a saber, a divisão de sua vida em três tempos: seu período de juventude marcado pelo trabalho jornalístico, ironicamente chamado pelo autor de idade da pedra; seu período de vivência

na Europa entre os anos de 1919 e 1923, de fundamental importância para a ampliação de suas referências teóricas e políticas; e o que se estende desde sua volta ao Peru até sua morte, em que se concentra a grande maioria de seus escritos relacionados aos desdobramentos acarretados pelo novembro de 1917. Sem desconsiderar as diferenças entre os escritos e o processo de maturação do autor, devido destaque será dado ao liame que unifica as diferentes análises.

## **Moscou – Lima**

Indiferente aos acontecimentos políticos de seu país, o professor Feodor Licharyev encontrava-se absorto em suas investigações sobre o período mesozoico durante os primeiros anos da Revolução. Alheio à guerra, à fome, à repressão do czar e à tomada de poder pelos bolcheviques, o paleontólogo não se interessava senão pelas calamidades remotas, afinal, o que poderia revelar a insignificante espuma da vida cotidiana frente a milênios de história? Acontece que por viver em um desses singulares momentos históricos em que percebemos a discussão política se esparramar até os mais apáticos, o professor Licharyev toma ciência da realidade que o cerca e aos poucos vai descobrindo que os mistérios do mesozoico já não interessavam a ninguém, nem mesmo a si próprio. Abandona os manuscritos e a pluma e se lança à sorte do processo revolucionário.

Ao ler esse conto do escritor russo Leonid Leonov<sup>1</sup> enquanto vivia na Itália, Mariátegui não podia deixar de associar os traços da intelectualidade russa com a peruana, em que o professor Licharyev expressava aqueles que viam o bolchevismo como uma manifestação bárbara de ataque à cultura. Antes mesmo de embarcar rumo ao velho mundo, o jovem jornalista peruano já havia manifestado uma posição contrária àqueles que propagandeavam a revolução de outubro como um fenômeno bestial.

Os primeiros textos de Mariátegui em que se podem ver comentários acerca da situação política russa tratam o tema de maneira oblíqua, não se referindo diretamente aos feitos de Lenin e seus partidários, mas revelando a cruzada antibolchevique que já se desenhava na política e nos grandes meios de comunicação limenho. Assim, em 9 de abril de 1918, Juan Croniquer, um de seus pseudônimos, publica no jornal *El Tiempo* um texto

---

<sup>1</sup>Trata-se da obra *O fim de um homem mesquinho* (Konets melkogo cheloveka), lida por Mariátegui em italiano, aparentemente sem tradução ao espanhol na ocasião em que escreveu sobre seu autor, Leonid Leonov, em 26 de fevereiro de 1927, na revista *Variedades*.

de título *Bolchevique, aquí*, o qual iniciava comentando as frequentes censuras que havia sofrido pelo fato de supostamente ser bolchevique, ainda que no artigo o tema central fosse comentar a declaração feita pelo deputado Victor Maúrtua reivindicando-se socialista. Apesar de não demonstrar conhecimento acerca da cena russa nem vincular sua simpatia a alcunha de bolchevique a uma visão política revolucionária, o fato é que em meio a forte campanha anticomunista instaurada em seu país, seu posicionamento deve ser visto como progressista.

Não foi com indiferença que a imprensa peruana acompanhou a fortuna do povo russo desde a revolução de fevereiro. A julgar pelas matérias publicadas no jornal *El Comercio*, um dos de maior expressão naquele período, a instauração de um governo liberal foi acompanhada com entusiasmo pelas classes dominantes peruanas. Ainda em 14 de março de 1917, enquanto se desenrolava a trama russa, *El tiempo* anunciava a abdicação do czar como consequência de um vigoroso movimento revolucionário que se alastrava pelas principais regiões russas e que terminara em uma grande confraternização entre os soldados e a população em armas.

A linha editorial do periódico peruano confirma o que Boris Koval (1990) afirmou de maneira mais abrangente para toda a América Latina. Ainda que a incerteza pairasse e que as informações não estivessem demasiadamente claras, a grande imprensa latino-americana, afirma o historiador, saudou a derrubada do czar e a chegada de Kerenski ao governo.

Mas por aí pararam os cumprimentos. Em menos de dois meses após os eventos que instauraram o governo provisório, o jornal peruano, informado pela agência *Reuters*, já dava como questão de tempo a sua derrocada. Os alvos, agora, eram aqueles que insistiam em desestabilizar o governo por não reconhecer sua legitimidade política e por criar espaços de duplo poder. A maneira como os soviets eram pintados seguia a linha da grande imprensa internacional, mostrando-os como instrumentos de sublevação da marinha e do exército e, quando não, colaboradores da Alemanha. A preocupação, nesse sentido, referia-se tanto ao medo da saída da guerra da Rússia quando à possível revolução socialista, fatos que pareciam apenas como que aguardando o melhor momento de rebentar.

Desconhecem-se registros de escritos de Mariátegui desses meses que se refira aos acontecimentos. Como dito, a primeira vez que delineia o tema é em abril de 1918. Ainda nesse mesmo mês, no dia 24, volta a abordá-lo, ocasião em que comenta a nomeação de Victuar Maúrtua ao cargo de ministro da fazenda. Interessante notar que ao

se referir ao político, Mariátegui caracteriza-o com uma expressão que anos mais tarde tomaria para si, um “socialista convicto e confesso”.

Ainda teria que se aguardar quase um ano para que o jornalista se expressasse de maneira mais contundente sobre o tema. Como as ideias não estão isoladas da realidade que a cerca, não seria coincidência que ganhassem tornos mais definidos em um momento de ebulição política no Peru. Em janeiro de 1919, mais precisamente no dia 12, é publicado em *El Tiempo* um artigo em cujo título lia-se *El maximalismo cunde*, que não somente saudava a onda de manifestações operárias que ocorriam em toda a América Latina e no Peru, especialmente nos centros operários de Lima e Callao, como as relacionava aos ventos que sopravam de Moscou.

Os biógrafos de Mariátegui concordam em localizar nesse período um momento de estímulo de uma grande sensibilidade para com as causas sociais. A partir de então, seus textos ganham características cada vez mais incendiárias, trabalhando o autor de maneira impetuosa em sua Underwood, denunciando as agressões truculentas do governo em relação aos manifestantes. Suas ideias começam a se mostrar grandes demais para um jornal como *El Tiempo*, que já havia sinalizado ainda em junho de 1918 que não respaldaria seu funcionário caso sofresse algum tipo de retaliação por parte do governo, o que provocou o envio de uma carta de José Carlos para seu diretor, Pedro Ruiz Bravo, (a mesma pessoa a quem em 1923 enviaria uma elogiosa carta propondo a compra do jornal) acusando-o de comportamento reticente e desleal.

A saída, pois, seria desligar-se do diário e fundar o seu próprio, junto ao amigo César Falcón, em maio de 1919. *La Razón*, de orientação claramente simpática aos movimentos populares e operários, não demora a colecionar opositores, dentre os quais o mais ilustre era o presidente Augusto B. Leguía, que acabara que assumir o governo naquele abril e que em pouco mais de três meses de funcionamento do jornal decide fechá-lo e condenar à prisão os seus responsáveis, pena que seria comutada ao envio dos dois jornalistas para trabalharem na Europa, uma espécie de “exílio” de luxo que Mariátegui saberia usufruir.

## O aprendizado europeu

Decerto as questões políticas abertas em seu país sob o influxo da Revolução Russa fervilhavam na cabeça do jovem periodista enquanto se encontrava a bordo do *Atenas* rumo ao velho mundo naqueles dias de outubro de 1919. De maneira retrospectiva e bem humorada, alguns anos mais tarde diria que naquele continente desposou uma mulher e algumas ideias. Os anos em que viveu na Europa (1919 – 1923) foram marcados por uma intensa ebulição política, basta lembrar que datam daí eventos como a fundação da Internacional Comunista, a insurreição espartaquista na Alemanha, as ocupações de fábricas e, por outro lado, o ascenso do fascismo na Itália, não desconsiderando todo o clima pós-Guerra que imperava no continente. Nenhum desses acontecimentos passou incólume ao arguto jornalista sempre atento às movimentações políticas, fato que se pode notar nos diversos textos que escreveria desde então, nos quais os feitos do país dos soviets guardavam lugar especial.

A Revolução Bolchevique chega a José Carlos de múltiplas maneiras. Pode-se dizer que de modo indireto analisa-a através das lentes da vida política italiana, notadamente das discussões no interior do Partido Socialista Italiano. Em janeiro de 1921, acompanha como correspondente peruano do jornal *El Tiempo*, o mesmo de que havia pedido demissão, o histórico Congresso de Livorno, que marcaria a ruptura do Partido Socialista e a criação do Partido Comunista da Itália, cujos líderes e linha política encontravam-se em maior consonância com os ideais dos bolcheviques e da Internacional Comunista. Acompanhando o desenlace das discussões, o peruano manifestaria sua simpatia pelo segundo grupo, congregados em torno do jornal *L'Ordine Nuovo*, cujo membro mais célebre, Antonio Gramsci, passaria despercebido aos olhos do correspondente naquele momento.

Chama-lhe atenção também o clima de cruzada anticomunista existente na Europa. Da mesma forma com que anos antes pode perceber na pele a tática de difamação através da acusação sistemática de bolchevique por parte dos grandes meios de comunicação, Mariátegui reagiu frente a campanha aberta pela imprensa italiana contra Mihály Károlyi, ex-primeiro ministro da efêmera República Democrática Húngara, que foi expulso de seu exílio na Itália por supostas relações com os russos.

Contudo, seria em três textos que o socialista peruano encararia de maneira frontal a tarefa de analisar o país de Dostoiévski. Poucos meses após sua chegada em

Roma, em fevereiro de 1920, escreveria *La entente y los Soviets*, em que analisava a relativa abertura dos países ocidentais em relação a Rússia socialista, fato que não significava um gesto de bondade para com os comunistas, senão o reconhecimento da forte pressão popular europeia em defesa das causas socialistas, da demonstração de força do Exército Vermelho e da imperiosa necessidade de ser comercializar com o maior produtor de grãos do mundo. Ainda assim, não deixava de atentar não se tratar de um arrefecimento do assédio imperialista, senão uma mudança de tática. Com esse espírito, escreveria em outubro daquele mesmo ano *Rusia y Polonia*, dando relevo especial às manobras das grandes potências que se utilizaram das disputas entre os dois países para promoverem uma guerra contra os bolcheviques. O terceiro artigo *El hambre en Rusia* é de agosto de 1921, no qual chama atenção para a situação calamitosa em que viviam cerca de 10 milhões de russos, assim como o boicote promovido pelos países aliados, que encontrava contrapartida na solidariedade de operários de todo o mundo, que não mediam esforços em campanhas de ajuda ao país do socialismo<sup>2</sup>.

Em todos esses textos, Mariátegui nunca deixa de mencionar nomes russos que seriam referências recorrentes ao longo de sua vida. No aspecto cultural mais geral, sua paixão pela literatura levar-lo-ia a admirar figuras como Gógol, Tolstói, Dostoiévski e Gorki. O último, único da nova geração de escritores russos que mencionaria nessa época, contava com um apreço tão grande por parte de Mariátegui que motivou uma viagem até Saarow Ost, pequeno lugarejo alemão onde o escritor russo descansava, para a realização de uma entrevista. Da conversa, mediada e traduzida pela esposa de Gorki, o peruano extraiu não apenas as informações necessárias para escrever um artigo sobre o romancista em seu primeiro livro publicado, como igualmente tomou da ocasião outra noção igualmente defendida por outros autores naquele momento de pós-Guerra, que era a percepção da decadência da civilização europeia<sup>3</sup>.

Não somente os artistas como também as figuras políticas chamaram a atenção do socialista peruano. Nomes como Lenin, Trotski e Zinoviev podem ser facilmente encontrados em seus escritos do período europeu, sendo os dois primeiros constantemente apontados como os grandes dirigentes do processo revolucionário, entendimento que se estendeu ao longo dos anos. Foi igualmente nesse momento que Mariátegui pode ter

---

<sup>2</sup>Todos os artigos mencionados nos últimos parágrafos estão agrupados sob o título *Cartas de Italia*, que compõe um volume das obras completas de Mariátegui.

<sup>3</sup>Trata-se do livro *La escena contemporánea*, publicado originalmente em 1925. O artigo em questão intitula-se *Máximo Gorki y Rusia*, que pode ser encontrado na página 998 do tomo I de *Mariátegui Total*.

acesso a referências de leituras sobre a revolução russa, em particular, e sobre o marxismo, em geral, que o acompanharam até o fim de sua vida.

No que resta da biblioteca pessoal de Mariátegui, o pesquisador ainda pode encontrar, ou ao menos poderia até julho de 2014, ocasião em que pesquisamos no arquivo, textos de John Reed sobre a sociedade russa pós-revolucionária<sup>4</sup> e de dirigentes políticos como Leon Trotski<sup>5</sup>, Karl Radek<sup>6</sup>, Nicolai Bukharin<sup>7</sup>, Zinoviev<sup>8</sup>, Lenin<sup>9</sup>, entre outros, grande parte adquiridos enquanto vivia na Itália. Essa é só uma parte daquilo que ainda sobra do acervo pessoal do autor disponível para consulta na *Casa Museo Mariátegui*, uma vez que grande parte de seus pertences foi subtraída durante as várias batidas policiais em sua casa, assim como outro monte considerável daquilo que foi preservado encontra-se descentralizado em outras bibliotecas peruanas.

Em uma importante obra destinada a estudar a formação intelectual de Mariátegui, trabalhada detidamente na biblioteca do autor, Harry Vanden (1975) menciona outras importantes obras do pensamento marxista que serviram de arcabouço teórico para o peruano, tais como o volume I de *O capital* em italiano e sua edição francesa em 11 tomos, e, também nessa língua, *Teorias da Mais-valia* e *A Miséria da Filosofia*, além de uma versão em espanhol de *A revolução Espanhola*, de Marx. De Engels, contava com um exemplar francês de *Socialismo Utópico e Socialismo Científico*

Entretanto, por mais que se informasse e aumentasse seus conhecimentos acerca da realidade russa e do marxismo, a vivência europeia forneceu-lhe não mais do que os instrumentos iniciais para a formação de seu pensamento. Seria, pois, em sua volta ao país natal que Mariátegui escreveria seus textos mais importantes sobre a revolução bolchevique e sobre o socialismo, agora, não mais do ponto de vista do jovem intelectual sedento de conhecimento, mas do organizador político e cultural, que lia os acontecimentos do outro lado do mundo à luz de suas próprias experiências e necessidades políticas.

---

<sup>4</sup>Tradução italiana de *O conselho de fábrica na Revolução Russa e Como funciona o Soviet*.

<sup>5</sup>Tradução italiana de *Organização do exército vermelho e Terrorismo e comunismo: anti-Kautsk*, além da tradução francesa de *Novo Curso*.

<sup>6</sup>Tradução italiana de *A luta pelo controle operário* e ao espanhol de *Ditadura do proletário e terrorismo*.

<sup>7</sup>Tradução italiana de *Programa do Partido Comunista* e francesa de *Os problemas da Revolução Chinesa*.

<sup>8</sup>Tradução italiana de *Doze dias na Alemanha*.

<sup>9</sup>Edição italiana de *O Estado e a Revolução e A ditadura operária e o renegado Kautsky*, além da francesa de *Imperialismo, fase superior do capitalismo*.



## De volta ao Peru

Não passariam muitos dias desde sua chegada ao Peru, no dia 17 de março de 1923, para Mariátegui iniciar seu labor de propagandista., agora com novos elementos e uma formação política totalmente distinta do jovem que agitava desde as tribunas da imprensa há poucos anos. Em um país com fraca presença organizações trabalhistas e onde o socialismo ainda era uma ideia bastante abstrata, o trabalho de organização política perpassou um longo caminho no qual seria necessária a formação intelectual, cultural e ideológica de novos quadros.

Em uma das primeiras entrevistas concedidas desde o regresso, José Carlos foi questionado sobre a ideia de crepúsculo da civilização, que já havia sido apresentada aos leitores peruanos de 16 de dezembro de 1922, em um artigo seu publicado em *Varietades*, em que iniciava fazendo alusão à noção empregada por Gorki e dava continuidade esboçando o cenário caótico da Europa arrasada do pós-Guerra. Em outra entrevista, dada a *Claridad* em 19 de maio do ano de seu desembarque, o entrevistador seria direto e perguntaria a impressão do entrevistado sobre a Rússia, uma vez que no Peru predominavam a ideias de um regime bárbaro e sanguinário. A resposta de Mariátegui já delineava o caminho de seu futuro trabalho: sobre as impressões de seu país, não hesitou em creditá-las ao desconhecimento da literatura pró-soviética, posto que a opinião pública era formada exclusivamente pelas leituras antibolcheviques.

Foi justamente com o objetivo de fornecer ao público peruano visões cerceadas pelos grandes monopólios de comunicação, não somente as que diziam respeito à Rússia, mas a conjuntura internacional de maneira geral, que o socialista aceitou o convite de Victor Raúl Haya de la Torre para ministrar uma série de conferências na Universidade Popular González Prada. Assim, em 15 de junho de 1923, uma grande quantidade de estudantes e operários se amontoaram na sede da Federação dos Estudantes para escutar uma palestra intitulada *La revolución social en marcha a través de los diversos pueblos de Europa*, mas que passou às obras de Mariátegui sob o título *La crisis mundial y el proletariado peruano*, nome que talvez sintetize de maneira mais clara e direta o objetivo apresentado tão logo nas primeiras palavras: difundir entre o proletariado peruano o conhecimento da crise mundial, que até então vinha sendo sistematicamente ocultado pela imprensa. Uma citação breve talvez possa definir o sentido pelo qual o trabalho de Mariátegui se guiaria nos próximos anos:

El proletariado necesita, ahora como nunca, saber lo que pasa en el mundo. Y no pueda saberlo a través de las informaciones fragmentarias episódicas, homeopáticas del cable cotidiano, mal traducidas y peor redactadas en la mayoría de los casos, y provenientes siempre de agencias reaccionarias, encargadas de desacreditar a los partidos, a las organizaciones y a los hombres de la Revolución y desalentar y desorientar al proletariado mundial. (MARIÁTEGUI: 1994, p. 844 – 855)

Foi essa convicção que balizou as dezesseis conferências seguintes. No momento, interessa-nos apenas as que versaram diretamente sobre a Revolução Russa. Elas são três: *La revolución rusa*; *Exposición critica de las instituciones del régimen ruso*; e *Elogio de Lenin*. Na primeira, traça um panorama bem factual e elementar da história da revolução russa, exposição que o próprio autor admite como básica, que para um público acostumado a livre circulação de ideias não representaria nenhuma novidade, mas que em seu país ainda se tratava de uma revelação. Interessante notar como Mariátegui novamente dá a algumas lideranças bolcheviques o papel de destaque, repetindo a lista que já havia sido exposta nos artigos escritos na Europa, encabeçada por Lenin, Trotski e Zinoviev, que na ocasião dirigia a Internacional Comunista. De Trotski cita trechos do livro da *Revolução de outubro à Paz de Brest-Litovsk*, usado para preparar a aula. Mostra, ademais, conhecimento da própria imprensa burguesa na Europa e os posicionamentos daquelas que mantinham correspondentes no país dos soviets.

Na segunda, na verdade a décima quarta conferência, proferida em 19 de dezembro de 1923, a exposição já é mais robusta, adentrando pormenores do funcionamento da sociedade russa. Mariátegui trabalha com preocupação a relação entre o proletariado urbano e o campesinato, mostra-se preocupado com essa tensão existente e saúda a NEP (Nova Política Econômica) como tentativa de desenvolvimento econômico da sociedade arrasada pela guerra e de contemplação dos anseios camponeses, ainda distantes do proletariado revolucionário.

Já a conferência sobre Lenin ocorre na semana do falecimento do líder bolchevique, mudando o planejamento inicial das conferências para assim homenagear o revolucionário. Restam apenas poucas anotações sobre essa conversação, mas tudo indica que Mariátegui tenha apenas apresentado traços biográficos do russo.

Dando seguimento ao trabalho propagandístico, Mariátegui ainda escreveu dezenas de artigos direcionados a divulgação do perfil dos principais líderes bolcheviques. Em seu primeiro livro publicado, *La escena contemporánea*, de 1925, o

autor reservaria uma seção para expor “fatos e ideias da Revolução Russa”, voltando ainda ao tema na seção “revolução e inteligência” em que figurariam nomes de escritores como Gorki e Blok.

Nessa obra, segundo o autor fruto de pedido de amigos para elaboração de uma síntese mais sistematizada de pequenos artigos escritos nos anos anteriores, é retomado tanto o esboço de dirigentes políticos já analisados, como Trotski e Zinoviev, quanto é apresentado aquele a quem posteriormente Mariátegui trataria de maneira muito especial, o Comissário do Povo para Assuntos de Educação, Anatóli Lunatcharski. No que diz respeito ao criador do Exército Vermelho, destaca seus atributos teóricos, em especial seu trabalho de crítico literário, atividade também exercida por Mariátegui, ainda que ressaltasse o fato de seus maiores feitos não estarem em seus escritos, mas em seu uniforme. No entanto, no artigo sobre Zinoviev, além de expor a árdua luta dos bolcheviques, encarnada na figura do dirigente da Internacional Comunista, contra o reformismo da II Internacional, termina por mencionar a polêmica já aberta no interior do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética que polarizou Zinoviev e Trotski. Nesse caso, Mariátegui encarou este como um dissidente eventual da teoria e prática bolchevique e se colocou ao lado da maioria do C.C.

A fortuna de Trotski no interior do partido bolchevique já havia sido tema de discussão em um artigo publicado no último dia de janeiro de 1925, em *Variiedades*. Naquela ocasião, Mariátegui caracterizava a saída de Trotski do ministério como a mais ressonante queda de ministro, o que evidenciava não uma mera crise ministerial, mas uma crise partidária. O peruano mostrava-se bem informado acerca das críticas de Trotski ao Comitê Central do partido e as divergências em seu interior, o que chama atenção dada a dificuldade de circulação de informações naquele momento, sobretudo no Peru, onde o movimento comunista internacional não tinha representantes oficiais nem raízes históricas. Através das críticas apresentadas em *Novo Curso*, livro constante em sua biblioteca, Mariátegui parece concordar com parte das posições que diziam respeito à necessidade de democratização do partido. Por outro lado, reconhece a autoridade moral da maioria do Comitê Central e afirma que, no meio de todas as movimentações políticas, estava claro que Trotski nunca havia conseguido se identificar com a velha guarda dos bolcheviques.

Sobre esse tema, o autor abordou-o novamente em duas outras ocasiões, em 1928 e 1929, quando as disputas no interior do PCUS mostravam-se cada vez mais acaloradas e a possibilidade de algum consenso entre as partes já não parecia possível. Na primeira,

no artigo *Trotsky y la oposición comunista*, era justamente o sentido cosmopolita e internacional do organizador do exército vermelho, a que Mariátegui tanto admirava, o que também o levou a condená-lo como inapto a dirigir o processo revolucionário em um momento em que não se tratava de estabelecer o socialismo no mundo, mas de realizá-lo em uma nação, características que Stalin, “um eslavo puro”, encarnaria como ninguém. Essa mesma avaliação foi retomada em *El exilio de Trotsky*, obra na qual não obstante mostrar-se sensível a importância da crítica ao burocratismo, voltou a se posicionar favoravelmente àquilo que classificava como maior senso de realidade de Stalin e a maioria do partido.

Ainda que muitos analistas de Mariátegui se recusem a identificar a preferência do Amauta ao posicionamento político de Stalin, o fato é que ele é realmente confirmado através dos textos, mostrando uma afinidade do autor com os grandes temas que estavam em discussão no interior do movimento comunista internacional. Por outro lado, a postura sempre respeitosa em relação a Trotski não permite dizer que o peruano se posiciona de modo visceral nessa polêmica, até hoje é capaz de suscitar paixões. Uma chave de leitura que acreditamos ser a mais fértil para compreender a questão foi fornecida pelo próprio Mariátegui ao comentar o livro *Rusia a los doce años*, de Álvarez del Vayo, cuja resenha foi publicada em 10 de julho de 1929. Nesse texto, o socialista diz que o fato do viajante espanhol admirar a figura de Trotski não o impediu de vislumbrar o valor do chefe da maioria. Dessa forma, para o próprio Mariátegui, concordar politicamente com as proposições políticas defendidas pro Stalin não estavam em contradição com o fato de continuar admirando o legado de seu rival. Essa compreensão também pode ser notada na revista *Amauta*, na qual em janeiro de 1927, aniversário da morte de Lenin, publicava-se um texto de Trotski acerca do principal dirigente bolchevique e, no mês seguinte, era ilustrada com uma grande imagem de Stalin com os dizeres “líder do partido bolchevique”.

Sobre os comentários de Mariátegui a respeito dos líderes soviéticos, Pericás afirma que, em diversos momentos, o autor assumiu uma postura unidimensional e laudatória, fato que o próprio pesquisador brasileiro justifica inserindo-o no contexto da luta pela divulgação de fatos ocultados pela grande imprensa, o que pode ter levado-o a pesar a mão em alguns escritos. Com efeito, grande parte dos textos de Mariátegui é breve e expõe de maneira propagandística as lideranças bolcheviques. No entanto, o próprio autor sempre procurou dar voz àqueles que não concordavam necessariamente com suas posições, desde que apresentassem uma análise que considerasse objetiva do país de

Lenin. Isso se aplica tanto aos textos que lhe serviram de base para a formação de sua visão, quanto aos publicados na revista *Amauta*.

Na constante busca pela ampliação de seu horizonte cultural, o autor serviu-se de uma extensa bibliografia para auxiliá-lo na compreensão do fenômeno russo. Na conferência ditada na Universidade Popular González Prada, por exemplo, foi capaz de mostrar conhecimento de trabalhos publicados na Europa sobre a Rússia cujos autores não poderiam ser taxados de simpatizantes do bolchevismo, como o destacado H. G. Wells, cujo livro não citado nominalmente seguramente era *Russia in the shadows*, de sucesso na Europa. Os relatos de viagem à URSS lhe interessam particularmente, pois sempre esperava encontrar aí ricos detalhes sobre o cotidiano do povo russo. Foi essa característica que elogiou no livro *La otra Europa*, escrito por Luc Durtain, resultado de uma viagem ao país em companhia de Georges Duhamel, nenhum dos dois revolucionários. Nesse caso, a visão considerada objetiva dos autores levaria Mariátegui a traduzir ao espanhol e publicar extratos do livro nos números 19 e 22 de *Amauta*, o primeiro destacando o avanço dos direitos das mulheres na URSS e o segundo das políticas públicas de educação e saneamento.

Até mesmo posições que concentravam maiores divergências se viram publicadas em *Amauta*, desde que fossem consonantes com os objetivos de seu diretor. Assim se pode entender o artigo *La idea, los motes, los hechos*, do colombiano Sanin Cano, publicado no número 10 de *Amauta*, que seria veiculada em dezembro de 1927, com um intervalo de sete meses da última edição, demora justificada pelo fechamento arbitrário da revista, que havia sido acusada pelo governo de complô comunista. Apesar de conter uma série de confusões a respeito do bolchevismo, como o fato de dissociá-lo das ideias de Marx e mostrá-lo como um fenômeno sem bases filosóficas, o texto, escrito por um autor caracterizado por Mariátegui como um liberal ilustrado, buscar mostrar à elite colombiano que o bolchevismo não representava um perigo naquele país. Sugestão serena que parecia a Mariátegui útil para ser difundida em seu país naquele momento de perseguição política. Outro autor com posicionamento conflitante ao de Mariátegui foi publicado nos números 20 e 21, em janeiro e março de 1929, assinado por César Ugarte, que ao final do escrito criticava a via insurrecional de tomada de poder e mostrava sua adesão às propostas gradualistas de ocupação de espaços institucionais. O próprio Mariátegui subscreve uma nota ao fim da segunda parte do artigo, dizendo que, apesar de discrepar de Ugarte, sua exposição sobre os aspectos constitucionais e jurídicos da URSS mostravam que o fenômeno soviético não era nenhum absurdo.

Outros livros de viagem também mencionados por Mariátegui foram *La Russie Nouvelle*, de Edouard Herriot; o já referido livro de Álvarez del Vayo, também resenhado por Luis F. Bustamante no número 24 de *Amauta*, em maio de 1929, portanto, antes do artigo de Mariátegui; as notas de viagem de Stefan Zweig, da mesma forma comentadas no número 24 de *Amauta* por Armando Bazán. Em *Amauta* igualmente seriam publicadas crônicas de viagem de Carmen Saco, quem posteriormente voltaria à Europa com uma credencial emitida pelo próprio Mariátegui, concedendo-lhe status de correspondente internacional de sua revista.

Ademais de trabalhar no sentido de possibilitar o acesso ao público peruano fatos desconhecidos, Mariátegui, em diversos momentos, utilizou-se de sua pluma para articular um campo de defesa da pátria do socialismo frente às iminentes ameaças de guerra imperialista. Antenado aos acontecimentos internacionais, o autor sempre deu bastante destaque às movimentações diplomáticas. No contexto dos tensionamentos do entreguerras, o peruano destacaria a postura dos soviéticos na Conferência de Genebra, em que levaram a proposta de um desarme radical, rechaçada pelas demais potências. Quando do rompimento de relações da Inglaterra com a Rússia, Mariátegui minimizou o ocorrido, visto que a Inglaterra não resistiria por muitos anos à impossibilidade de comercialização com a Rússia, país que, aos olhos do peruano, já polarizava a história mundial com os Estados Unidos.

No entanto, o fato configurado como a maior preocupação e que resultou na mais intensa sequência de artigos foi a possibilidade de guerra entre Rússia e China, na qual as potências capitalistas estimulavam os chineses a invadirem o território russo. Nesse sentido, Mariátegui denunciou o trabalho de preparação psicológica feita pela grande imprensa em relação ao grande público com o objetivo de desenvolver um sentimento bélico antissoviético.

### **Pela literatura soviética**

A atividade de crítica literária acompanhou Mariátegui ao longo de toda a sua vida. O que na infância se caracterizou como um dos poucos divertimentos ao alcance de uma criança com a saúde debilitada, converteu-se em um ofício na juventude, quando tornou-se conhecido em certos círculos literários da capital. Na Europa teve acesso às mais recentes publicações do velho mundo, nas quais a nova literatura russa começava a ganhar destaque. Ao voltar ao Peru, uma de suas principais tarefas seria realizar um balanço

crítico da literatura de seu país de origem, o que pode ser visto na seção mais longa de sua *Magnus Opus, Sete Ensaios de interpretação da realidade peruana*, intitulado de *O processo da literatura peruana*, que fazia muito mais sentido pela ascepção jurídica atribuída à palavra "processo" do que a ideia de desenvolvimento como uma sequência de momentos.

Naquela obra, há uma passagem em que o marxista peruano expressa de maneira clara a relação que estabelecia entre literatura e política, o que nos parece sugestivo explicitar antes de passarmos às análises da literatura soviética em especial. Dizia o autor:

Mas isso não quer dizer que considero o fenômeno literário ou artístico de pontos de vistas extraestéticos, mas sim que minha concepção estética é unânime, na intimidade da minha consciência, com minhas concepções morais, políticas e religiosas e que, sem deixar de ser concepção estritamente estética, não pode operar independente ou diversamente. (MARIÁTEGUI, 2010, p. 223)

Dessa forma, não causa surpresa notar que as análises de José Carlos sobre os principais líderes da Revolução Russa, assim como da construção do socialismo naquele país, sempre estiveram em consonância com as avaliações literárias por ele produzidas. Os escritores russos sempre figuraram em sua lista de preferências. Em uma entrevista fornecida a *Varietades* poucos dias após seu desembarque, em 1923, apontaria Gorki e Andreiev como seus principais romancistas, ao passo que Blok, diria ele, até pouco tempo antes era seu poeta favorito.

Do ponto de vista mais geral sobre a literatura russa, Mariátegui em diversas ocasiões usou como alicerce de suas impressões o livro *Literatura e Revolução*, de Trotski, e os escritos de Ilya Ehrenburg sobre a literatura russa pós-revolução. Da primeira obra, incorporou a permanente preocupação de se analisar a literatura constantemente associada aos demais fenômenos históricos. Com o segundo autor, que teria textos traduzidos e publicados na *Amauta* número 3, edição de novembro de 1926, Mariátegui, desde março do mesmo ano já parecia demonstrar afinidades tanto com a tese do autor que condenava ao desprezo os autores soviéticos que optaram pelo exílio, quanto com sua predileção literária, exaltando escritores como Gorki, Blok e Maiakóviski, por exemplo.

A nova literatura russa, cujo caráter "épico" tanto agradava Mariátegui, era desconhecida em seu país, com exceção a poucos nomes tais como Gorki, Artsbachev, Andreiev e Merezhkovski. Portanto, em seu esforço de propagandar a sociedade soviética no Peru, Mariátegui ocupar-se-ia de difundir alguns escritores através de suas produções, escrevendo pequenas notas biográficas e publicando trechos de romances em

*Amauta*. Assim, escreve artigos sobre Lidia Seifulina, Leonid Leonov, Mikhail Artsybashev, Sergei Essenin, Máximo Gorki, Konstantin Fedin, Nikolai Ognev, Larisa Reisner, Fedor Gladkov, Alexander Fadeiev e Alexander Blok. Em *Amauta*, publicou textos de Boris Pilniac (*Arina*), Isaac Babel (*La Sal e La Carta*), Mikhail Zoshchenko (*Una noche terrible*), Máximo Gorki (carta enviada a Romain Rolland e outra com a intenção de esclarecer sua suposta ruptura com os bolcheviques) e Larisa Reissner (*en los campos de la pobreza*).

De suas preferências literárias e das obras publicadas em *Amauta* o que se pode constatar é que o peruano tinha seu gosto literário claramente inclinado às obras do assim chamado realismo socialista. Ao comentar a obra de Feodor Gladkov, por exemplo, admirou-se com a história do protagonista de *O Cimento*, que após prestar três anos de serviços ao exército vermelho se encontrava diante de sua mais árdua batalha: colocar a antiga fábrica de cimento de sua cidade natal de volta ao trabalho. Agradava-lhe os romances cuja temática central retratasse de maneira realista as dificuldades da construção do socialismo. Distinguía a postura de Gladkov da de autores como Zola, por exemplo, que idealizava seus personagens. O realismo na literatura resultante da revolução socialista representaria a mais alta forma literária, análise essa que levou Mariátegui a conjecturar a obra de Gladkov alcançando o mesmo status e difusão de Tolstói, Dostoiévski e Gorki, o que nunca se confirmou.

Percebe-se, portanto, como o autor vinculava, algumas vezes sem muitas mediações, sua concepção política e literária. Para o revolucionário socialista, a literatura deveria expressar os anseios das grandes massas populares. Essa mesma ideia o levaria a dizer que em seu país ainda não haveria uma literatura peruana, posto que tal atividade artística ainda não representava os 4/5 de sua população, os indígenas, fato crucial para a construção da literatura nacional.

### **O papel da revista *Amauta***

Ao longo do artigo já se ressaltou a importância que a revista *Amauta* teve na difusão de temas relacionados à Rússia soviética. Analisando suas edições desde o lançamento até o número 29, último publicado com Mariátegui em vida, contabilizamos quase uma centena de artigos que direta ou indiretamente abordavam temas vinculados ao país. Pode-se dividi-los em dois grandes grupos: os que foram escritos por autores russos ou que abordavam temas sobre a realidade russa independente da nacionalidade



do autor, e os que vinculavam-se a organismos ligados ao Estado socialista. Em conjunto, permitem ao pesquisador enxergar uma dupla movimentação de Mariátegui, que ao final se complementam: a divulgação de notícias e nomes soviéticos ao público peruano carente dessas informações e uma aproximação política com o movimento comunista internacional.

A temática das publicações se apresentava bastante variada. Como visto, abundavam textos que versavam sobre literatura, que podiam ser desde esboços de interpretação da literatura soviética a contos ou extratos de romances. Normalmente, esse tipo de publicação costumava acompanhar artigos de Mariátegui publicados em outros meios acerca de seus autores. Nesse sentido, da mesma forma como baseou-se em Ehrenburg para escrever uma crítica em março de 1926 e veiculou o autor na revista em novembro desse ano, em dezembro de 1928 publicou Durtain ao mesmo tempo em que enviava uma crítica à revista *Variiedades*. Diversos outros livros analisados por Mariátegui tiveram apreciações de outros autores publicadas em *Amauta*, como a mencionada obra de Ognev, criticada por María Wiese, o livro de Álvarez del Vayo, comentado por Luis F. Bustamente, e os escritos de Zweig, criticados por Armando Bazán. Em geral, essas críticas coincidiam com o ponto de vista de Mariátegui, o que demonstra um forte intercâmbio de ideias, nos quais muitas vezes Mariátegui recebia sugestões de leitura e autores através desses colaboradores.

O peruano também tinha por hábito escrever a amigos informando seus projetos de artigos ou então solicitando algum tipo de material. Em 11 de maio de 1925, por exemplo, enviou uma carta a Ricardo Vegas García, chefe de redação de *Variiedades*, a quem informava estar escrevendo um artigo sobre a novíssima literatura soviética e solicitava fotos de escritores como Pilniak, Maiakóviski e Blok, posteriormente encontradas por Mariátegui em uma revista italiana.

Em *Amauta* também se publicavam fotos e gravuras de personalidades soviéticas. A primeira publicação sobre o tema foi justamente uma imagem de ninguém menos que Felix Dzerzhinsky, o temido fundador da *Cheka*, sobre quem a imprensa internacional não poupava injúrias. Semanas antes dessa edição da revista, logo a número 1, o peruano havia escrito um artigo a respeito do dirigente, classificando-o como um das figuras mais heroicas da revolução. O mesmo método foi utilizado na ocasião da morte de Leonid Krasin, que se tornou tema de artigo de Mariátegui e teve uma imagem com uma pequena nota de pesar publicada na edição 4 de *Amauta* pouco mais de um mês após falecer.

Na revista também se publicavam obras mais densas, como trechos de *Tratado de*

*materialismo histórico*, de Bukharin e *Materialismo e Empiricritismo*, de Lenin, o que demonstrava o alcance da formação teórica de Mariátegui. Nos momentos de alteração da política soviética, como ocorreu com o fim da NEP, orientação sempre defendida por Mariátegui, e o estabelecimento dos Planos Quinquenais, *Amauta* também serviu de palco para a exposição dessas modificações, contando, permanentemente, com o beneplácito de seu editor chefe. Dessa maneira, nos números 27 e 29 foram publicados relatórios oficiais da URSS sobre temas da economia.

Esse último fato demonstra-nos a aproximação de Mariátegui com a linha oficial da URSS, tema muito debatido e controverso entre seus estudiosos. Extrapola o escopo do artigo adentrar essa contenda, no entanto, acredita-se que a apurada análise das publicações de *Amauta* ajude a iluminar a questão.

O outro eixo de publicação que já mencionamos anteriormente foi justamente a difusão de resoluções políticas de órgãos vinculados à URSS. Dentre esses, destaca-se o grande número de artigos produzidos pela Liga contra o Imperialismo e pela Confederação Sindical Latino-americana. Importante destacar que para Mariátegui esses dois organismos tinham importância vital, uma vez que o primeiro vinculava-se à sua disputa no Peru com o líder da APRA, Haya de la Torre, - aquele mesmo que havia aberto as portas da UPGP em 1923 mas que agora encontrava-se em outro campo – pela direção do movimento anti-imperialista peruano. Dessa forma, supõe-se que o reconhecimento pela Liga contra o Imperialismo, o que Mariátegui obteve ao ponto de ser eleito ao seu Conselho Geral no II Congresso, em 1929, era fundamental no sentido de garantir um respaldo político internacional. Por outro lado, a Confederação Sindical Latino-americana, instrumento sindical do Comintern, também representava um garantidor político no processo de formação da Confederação Geral dos Trabalhadores Peruanos. Não se quer dizer aqui que a aproximação de Mariátegui a esses organismos era feita com base apenas em interesses próprios, mas sim que o fortalecimento da organização dos trabalhadores no Peru apresentava-se como que vinculada a um estreitamento de laços internacionais.

## **Conclusão**

Estudar a relação estabelecida entre um intelectual marxista e a Revolução Russa não é tarefa das mais fáceis. Ao longo dos anos, a obra de Mariátegui constantemente foi

alvo de disputas políticas, em que sempre se tentou realizar uma leitura de seu legado à luz dos projetos de quem o lia<sup>10</sup>. Assim, não é de se espantar que possamos encontrar caracterizações que se enquadrem nas mais distintas tradições, variando de stalinista, trotskista, maoista, populista e por aí vai... Há paladares para todos os sabores!

Embora não se queira negar a validade que porventura possa ter alguma discussão nesse sentido, o que certo é que o autor morreu em 1930, ocasião em que muitas dessas discussões ainda não havia mais do que germinado ou sequer existiam. Sob risco de olhar a criança querendo ver o adulto, qualquer conjectura além daquelas que estejam calcadas nos textos são aventuras do pesquisador. Nesse sentido, buscou-se investigar o texto e dar voz ao autor, mostrando a evolução de seu pensamento ao longo dos anos.

De modo geral, acredita-se que os escritos de Mariátegui podem ser compreendidos e ajudar a compreender o penoso trabalho de divulgação e defesa do legado soviético em um momento marcado pela desinformação e pela furiosa cruzada anticomunista, da qual o próprio autor foi vítima inúmeras vezes. Mais do que em seus escritos, o trabalho do autor deve ser encontrado em sua feição de organizador político, cujo trabalho mais profícuo esteve na organização de um partido político e de uma central sindical, temas de futuros artigos.

De maneira mais específica, a pesquisa desses textos e artigos, podem ajudar a iluminar a discussão em torno da relação entre Mariátegui e o movimento comunista internacional, vínculo que algumas vezes esteve permeado por tensionamentos, mas que forneceu-lhe importantes referências e mostrou-se de fundamental relevância para a formação de seu horizonte político e cultural. Aos pesquisadores, ainda cabe a tarefa de realizar esse balanço de forma mais acurada e calcada em fontes, visto que as principais referências que imperam hoje do Brasil, Michael Löwy e Alberto Flores Galindo, tendem a enfatizar demais os conflitos entre as partes, no que pense a imensa qualidade de ambos autores e suas obras, indispensáveis a qualquer um que deseje entender um pouco mais do pensamento do marxista peruano.

Por fim, trazer o entendimento de Mariátegui acerca da Revolução Russa ajuda-nos a compreender um pouco mais do empreendimento de maior impacto no século

---

<sup>10</sup>Sobre essa disputa ideológica feita em torno do legado de Mariátegui, duas obras ajudam na compreensão. Uma é a consagrada coletânea de textos sobre Mariátegui organizada por José Maria Aricó (1978) e outra é o balanço feito por Leila Escorsim em sua tese de doutorado defendido na Escola de Serviço Social da UFRJ, que pode ser lido em seu terceiro capítulo, intitulado Mariátegui e o marxismo – as controvérsias, que foi suprimido em seu livro publicado pela Editora Boitempo, primeira obra integralmente dedicada a estudar o pensamento de José Carlos Mariátegui publicada no Brasil.

passado e que se estende até os correntes dias, prestes a completar o centenário. A leitura ao calor dos acontecimentos permite-nos, também, a reflexioná-lo consoante aos atuais problemas de nosso mundo, que, infelizmente, insistem, nesse sentido, em se parecem tanto aos enfrentados pelo peruano já faz algumas décadas.

## Fontes

Os jornais peruanos, infelizmente, não contam com sistema de arquivo online que permita ao pesquisador buscar referências desde outras partes do mundo. Afortunadamente, o site de *El Comercio* conta com uma acanhada seção histórica que publica trechos diários contendo algumas notícias que foram matérias há cem anos, de onde tiramos os artigos necessários para descrever o posicionamento da grande imprensa peruana frente à Revolução Russa. Caso se interessem, os pesquisadores ainda podem achá-los em <http://elcomercio.pe/opinion/efemerides>.

Para os escritos juvenis de Mariátegui, suas correspondências e os demais outros textos da fase madura, foram consultados os dois tomos de *Mariátegui Total*, editados por Minerva na ocasião do centenário do autor.

A revista *Amauta*, que funcionou entre 1926 a 1930, pode ser acessada na internet através do site <http://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/>. Para o artigo, analisamos até o número 29, última publicação com Mariátegui em vida. A revista resistiria ainda por mais dois números sob a batuta de Ricardo Martínez de la Torre.

## Bibliografia

ARICÓ, José. *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*. México: Cuadernos de Pasado y Presente, 1978.

ESCORSIM, Leila. *Mariátegui: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

GALINDO, Alberto Flores. *La agonía de Mariátegui: la polémica con la Komintern*. Lima: Desco, 1982.

KOVAL, Boris. *A grande revolução de outubro e a América Latina*. São Paulo: Alfa-omega, 1990.

LÖWY, Michael. *Por um socialismo indo-americano*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Mariátegui Total [Tomos I e II]*. Lima: Amauta, 1994.

\_\_\_\_\_. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

PERICÁS, Luiz Bernardo (org.). *Revolução Russa: história, política e literatura*. São Paulo: Boitempo, 2012.

VANDEN, Harry. *Mariátegui: influencias en su formación ideológica*. Lima: Amauta, 1975.